



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

ANDRESSA GOMES FERREIRA

**PELO MEU VENTRE: A FENOMENOLOGIA DA MATÉRIA IMAGÉTICA
ACONTECE**

**GUARABIRA
2017**

ANDRESSA GOMES FERREIRA

**PELO MEU VENTRE: A FENOMENOLOGIA DA MATÉRIA IMAGÉTICA
ACONTECE**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de licenciada em
Letras Habilitação em Língua Portuguesa.
Área de concentração: Literatura, gênero e
imaginário.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2017**

F383p Ferreira, Andressa Gomes.
Pelo meu ventre: [manuscrito] : a fenomenologia da
matéria imagética acontece. / Andressa Gomes Ferreira. -
2017
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Fenomenologia. 2. Alma. 3. Devaneio.

21. ed. CDD 142.7

ANDRESSA GOMES FERREIRA

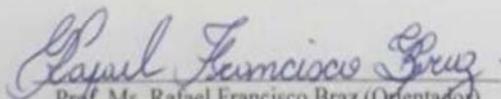
PELO MEU VENTRE: A FENOMENOLOGIA DA MATÉRIA IMAGÉTICA
ACONTECE

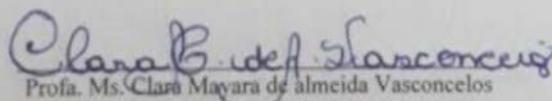
Artigo, apresentada ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

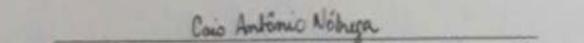
Área de concentração: Literatura, Gênero e Imaginário

Aprovada em: 28 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pela grande Mulher que ela sempre foi e
que, hoje, me ensina a ser, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

De forma única, agradeço primeiramente a Deus por não permitir que minha fé cessasse, por me mostrar o quanto eu sou capaz, por me dar o discernimento, a sabedoria e a coragem de ultrapassar os obstáculos encontrados pelo caminho até chegar aqui. Sem a Sua compaixão, sem as Suas mãos que tantas vezes me levantaram do chão, eu não conseguiria.

À Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade concedida a mim, de tornar-me uma cidadã formada e, de forma especial, ao Centro de Humanidades, incluindo a grade de docentes que contribuíram para a minha formação e ao grupo de funcionários, pelos serviços prestados para o nosso bem-estar e crescimento acadêmico.

Carinhosamente, agradeço ao meu incomparável orientador, Prof.º Me. Rafael Francisco Braz, por todo o apoio e esforço, não existem palavras que possam expressar meu sentimento de felicidade e orgulho por poder trabalhar com este ser humano brilhante, reconheço que, sem ele, não seria tão realizador. Juntos, vencemos o Inverno.

Gratidão aos meus pais, Rosa e Joãozinho, por nunca desistirem de mim e por me acompanharem nessa jornada sem medir esforços. À minha querida irmã, Emanuely, que tanto ajudou me provocando sorrisos quando, na verdade, tentava me atrapalhar aos gritos pela casa enquanto eu buscava me concentrar.

Aos meus colegas de academia e irmãos do coração: Amanda, Raquel e Leydson que, ainda no primeiro período, me provaram que, juntos, continuaríamos até mais além que a formatura. Aos meus padrinhos Patrícia e Dinho por me darem tanto valor e por estarem presentes em todos momentos em que precisei. E ao meu companheiro de vida, Miguel, que torceu por mim, do início ao fim e é uma das minhas grandes motivações.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esse momento se concretizasse, os meus mais sinceros agradecimentos, vocês fazem parte da minha história.

Obrigada!

“Finalmente, num último esforço, ele sai, o filho das trevas e do inferno.”

Lya Luft - 2008, p., 80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	BREVES PALAVRAS SOBRE A LYA	13
3	LITERATURA E PSICANÁLISE	15
3.1	O devaneio da alma	16
4	<i>NASCEU DO MEU VENTRE</i>	17
5	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	25

PELO MEU VENTRE: A FENOMENOLOGIA DA MATÉRIA IMAGÉTICA ACONTECE

Andressa Gomes Ferreira ¹

RESUMO

A psicanálise está inserida em diversas áreas e nos mais variados tipos estudos acadêmicos por ser a ciência que busca compreender o funcionamento da mente humana. Quando falamos em literatura, essa ciência se torna imprescindível para a riqueza das práticas de interpretação por meio da leitura e, assim, a inserção da psicanálise vem auxiliar no entendimento da mensagem implícita proposta pelos autores nos livros literários. Seguindo esse raciocínio, propomos neste trabalho de conclusão de curso, compreender os efeitos do devaneio pelo viés da teoria da fenomenologia apresentada por Gaston Bachelard (2003, 2005) no conto *O fruto do meu ventre*, da escritora brasileira Lya Luft. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se em Pitta (2005), Bachelard (2003, 2005). A análise nos mostrou que a personagem dá, assim, prioridade a essa concepção social e se põe em divergência com seu próprio instinto, ocasionando todos esses transtornos que, aqui nesta pesquisa, foram abordados. Luft procura, em suas obras, realizar essa ligação entre a literatura e as tragédias do mundo real, escolhe não só a imagem do feminino mas, também, da criança, do deficiente, do homem, de casais, entre outros, que, por algum motivo, estejam passando por problemas de alma.

Palavras- chave: Fenomenologia. Alma. Devaneio.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise está inserida em diversas áreas e nos mais variados tipos estudos acadêmicos por ser a ciência que busca compreender o funcionamento da mente humana. Quando falamos em literatura, essa ciência se torna imprescindível para a riqueza das práticas de interpretação por meio da leitura e, assim, a inserção da psicanálise vem auxiliar no entendimento da mensagem implícita proposta pelos autores nos livros literários.

“Há certos tipos de literatura como, por exemplo, a clássica e a fantástica, entre outras,” que exigem do leitor uma abordagem mais profunda e estudos mais reflexivos, os quais devem suscitar o poder da imaginação e ampliar novos olhares, não somente para a prática de leitura e compreensão dos textos mas, também, para (re)conhecer, através do retrato dos personagens, os estados emocionais e as faces que um ser humano pode possuir em meio a uma sociedade no contato intra e interpessoal.

¹Aluna de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: ferreiraandressa206@gmail.com

A formação da carga emocional de um indivíduo se dá através de suas experiências coletivas, seus atos cotidianos e quaisquer ações que venham, de alguma forma, a envolvê-lo no decorrer de sua existência, ou seja, o concreto da realidade se torna o abstrato do imaginário. Nessa perspectiva, podemos afirmar que na criação de personagens não poderia ser diferente.

Nessa linha de pensamento, buscamos entender o significado e a justificativa das emoções e dos conflitos existentes no interior dos indivíduos por meio do que foi vivenciado no mundo externo e, por outro lado, do que foi construído como mecanismo de defesa para as conceituações que não foram bem recebidas pelo consciente, já que todo e qualquer indivíduo está sujeito à não-aceitação de sua personalidade.

O acúmulo dos sentimentos oriundos dessas experiências que “falharam” e que não foram eficientes para o que a consciência tinha como anseio, pode resultar em outros tipos de experiências, essas, voltadas completamente para o interior de cada ser no intuito de preencher as lacunas e solucionar o problema. Porém, a situação em que o indivíduo se encontra e essa estratégia de defesa que ele adquire pode acarretar consequências.

O fenômeno consiste no auto entendimento, o momento em que o ser se torna capaz de lidar com seus próprios inimigos de maneira que possa compreendê-los e aceitá-los para que, só então, consiga adequar-se de volta à sua realidade na constante de viver entre seus atos e a repercussão deles em sua mente.

É natural do ser, a construção de um imaginário que baseie-se nas atividades que foram feitas no decorrer dos dias, dos meses e dos anos, a exemplo, temos *os* sonhos que são formados através dos resíduos deixados pelas inquietudes do dia a dia, projetados em nossa mente como imagens que foram retalhadas de nossas sensações e reconstruídas a partir da sensibilidade da nossa imaginação.

Entretanto, o imaginário é capaz de produzir imagens mais sólidas, escolhidas especificamente para serem materializadas a partir dos sentimentos que sofreram algum tipo de interrupção e passaram a causar incômodo nos indivíduos. Denominados *os devaneios* e com a colaboração de seus respectivos estudos, podemos conseguir um maior esclarecimento acerca da imaginação do *material* e suas possíveis interpretações.

Seguindo esse raciocínio, propomos neste trabalho de conclusão de curso, compreender os efeitos do devaneio pelo viés da teoria da fenomenologia apresentada por Gaston Bachelard (2003, 2005) no conto *O fruto do meu ventre*, da escritora brasileira Lya Luft, bem como, também, os motivos pelos quais eles surgem em meio à imaginação da personagem principal através de um estudo da psicologia analítico. Assim, buscaremos

interpretar as condições emocionais da protagonista através de uma leitura mais delicada, atentos às condições psicológicas como categoria analítica à luz da fenomenologia.

O conto *O fruto do meu ventre*, que está agrupado no livro *O silêncio dos amantes* que foi lançado em 2008 por Lya Luft, se constitui de histórias que reúnem solidão, dores e incompreensões, a personagem criada pela autora exprime seus mais profundos sentimentos (da alma e da mente) e relata arduamente o proceder de seus dias que começam entre as lembranças assombrosas da sua infância e perduram até os seus temores da vida adulta como mulher.

Sem identificar-se por nome, apenas por seu sexo (feminino), a protagonista realiza uma breve descrição do decorrer de sua vida ao lado de sua família. Desde pequena, diz que lida com seus medos e fantasmas, uma menina que era “a diferente”: das irmãs, na escola, na família e, principalmente, quando se tratava de romances – cresceu com a certeza de que nunca entraria em um relacionamento a dois e de que jamais desejaria ser mãe, ser tocada, possuir algo dentro de si e vivia feliz com essa decisão, mesmo sendo tão diferente das outras garotas, ela era inteligente, fazia o bem, ajudava a família, não desejava mal a ninguém e, para ela, isso bastava contra qualquer força contrária que pudesse lhe atingir.

Lya Luft deposita, em suas obras, as inquietações da vida e lida com aquilo que não se pode explicar e suas palavras carregam o peso da alma de muitas pessoas. Sendo autora de produções de diversos gêneros e para os mais variados públicos, conseguimos notar a exclusividade com as palavras mas, principalmente, a forma incomparável de escrever com a linguagem da alma.

Consagrada pelo lançamento de *As parceiras* (1980), essa grande escritora investiu sua sabedoria e suas experiências em outras importantíssimas produções as quais refletem olhares duvidosos a respeito das experiências de vida que ela mesma já passou ou presenciou. Existe a maneira suave e, ao mesmo tempo, profunda de misturar-se nas entrelinhas minuciosas desses escritos.

Sob as observações retiradas da produção de Lya Luft, nota-se a concentração de expressividade do interior, são situações que remetem aos conflitos existenciais e à incomunicabilidade humana que permeia entre os personagens. Dentro dessa temática, nos deparamos com os conflitos individuais e os processos psicológicos que atingem a personalidade do ser como um todo.

Nessas circunstâncias, sentimo-nos instigados a estudar e compreender mais a respeito das emoções e das repressões vividas por uma das personagens que foram criadas pela

escritora brasileira Lya Luft, no intuito de interpretar as condições imaginárias que nos são ofertadas pelo poder da mente em consequência das nossas experiências cotidianas.

No entanto, especificamos nossos objetos como sendo: a-) compreender, através da crítica psicanalítica, as concepções de personalidade acerca dessa personagem feminina em seus processos descritivos; b-) classificar o devaneio por meio das construções imaginárias relatadas no conto que serão analisadas à luz da fenomenologia; c-) Interpretar as imagens analógicas e metafóricas ligadas à protagonista visando obter a compreensão geral da mensagem contida na obra.

Deste modo, manejamos o presente estudo com a pretensão de evidenciarmos a necessidade e o valor da leitura interpretativa e conscientizarmo-nos a respeito das dificuldades psicológicas as quais estamos sujeitos a enfrentar, seja individualmente ou em contato com outrem de maneira que aprendamos a respeitá-lo como ser humano e em seu silêncio. Esta é uma pesquisa de caráter quanti/qualitativo.

Para que compreendêssemos o viés inicial das considerações sobre a prática de leitura interpretativa literária tivemos o suporte teórico dos estudos de Adalberto de Oliveira Souza (2005); para as observações específicas do texto e do personagem fictício-literário, Antonio Candido, Rosenfeld, Prado e Gomes (1968); quanto às reflexões sobre o imaginário e suas estruturas, apoiamo-nos na teoria de Gilbert Durand segundo Danielle Perin Rocha Pitta (2005). Voltados para o interior e para a intimidade, ingressamos nas concepções de devaneio e suas representações segundo a fenomenologia com Gaston Bachelard (2005 e 2003), com o *Complexo de Jonas*, em se tratando da análise de cunho psicológico no que se refere a construção da imagem e o seu significado.

Portanto, nosso principal instrumento de análise consiste no fenômeno do devaneio presente na obra em questão e recai sobre estudos do imaginário, da intimidade, do conflito entre o interno e o externo e, finalmente, as representatividades das imagens. Desta forma, para a realização desses estudos, propomos organizar o referido trabalho em três partes, descritas a seguir:

No primeiro tópico, denominado – *Literatura e Psicanálise* – propomos um ponto crucial de partida, trata-se da prática de leitura interpretativa a qual exerce uma função realizadora para a compreensão do objeto de pesquisa por viés psicológico.

No sub tópico, intitulado – *O Devaneio da Alma* – buscamos expor uma discussão teórica sobre os processos que ocorrem no interior do ser humano em virtude de suas experiências e dos transtornos que o envolvem. Assim, baseamo-nos nos conceitos do devaneio e contextualizamos suas significações.

No terceiro e último tópico, chamado – *Nasceu do meu ventre* – procuramos refletir brevemente a respeito dos relatos feitos pela própria personagem ao longo do conto, o que nos daria norte para, então, discorrermos a análise propriamente dita do corpus como um todo e concretizarmos nossas objetivações acerca do devaneio. Por fim, as considerações finais e as referências que foram necessárias para a realização do nosso trabalho.

Neste trabalho de conclusão de curso buscamos, pois, enriquecer e incentivar a prática de leitura que se desprende das concepções superficiais e descobrir o contexto significativo que está submerso na grandiosidade das palavras de Lya Luft. A partir dessa iniciativa, buscamos compreender os aspectos psicológicos presentes ao longo de toda obra e analisá-los na medida em que nos salta o interesse de desvendar os mistérios e ir de encontro à precisão do conteúdo que é trabalhado pela autora. Nesse sentido, além de oferecer textos carregados de aprendizados sobre a existência humana, Luft ainda provoca, com sua linguagem, a reflexão dos mesmos e a possibilidade de estimular nossa imaginação. Com esses apontamentos finais, esperamos contribuir para o entendimento dessa proposta de estudo e, de maneira geral, colaborar com a valorização da literatura brasileira, em especial, as de cunho psicanalítico.

2 BREVES PALAVRAS SOBRE A LYA

Escritora brasileira, Lya Luft, batalhou pelo crescimento de sua carreira e aos poucos ganhou espaço no mundo da Literatura. Autora de contos, poesias, crônicas, romances, ensaios e literatura infantil, se considera alguém que escreve sobre glórias e frustrações da existência humana, mais precisamente sobre os sentimentos e os receios intensos que costumam atormentar nossos inconscientes.

Lya Fett Luft nasceu dia 15 de Setembro de 1938 em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, se formou em Pedagogia e em Letras Anglo-Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica em Porto Alegre e fez mestrado em Literatura Brasileira e Linguística Aplicada. Começou a trabalhar aos vinte anos fazendo traduções de inglês e alemão, continuou nessa área das letras até que suas obras atingiram grande sucesso, também foi professora na UFRGS e é colunista na Revista Veja desde 2004. Seus primeiros escritos foram poesias, como a própria Lya diz: “eram rabiscos”, assim, no início, também escrevia crônicas para jornais e seus primeiros livros (de crônicas e poemas) já não existem pois foram publicados por pequenas editoras e não obtiveram repercussões.

As parceiras (1980), foi seu primeiro romance publicado e o estopim para a largada de sua carreira, Lya Luft diz que, depois de lança-lo, descobriu seu verdadeiro dom: escrever. Logo depois vieram *A asa esquerda do anjo* (1981), *Reunião de família* (1982), *O quarto fechado* (1984) e, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, *Exílio* (1987). Na década de 90 foram publicados *O sentinela* (1994) e *O ponto cego* (1999), Luft passou alguns anos longe das ficções e seu último romance publicado foi *O tigre na sombra* (2012). Os lançamentos de poesia foram *Canções de limiar* (1964), *Flauta doce* (1972), *Mulher no Palco* (1984), *O lado fatal* (1989), *Secreta mirada* (1997) e *Pra não dizer adeus* (2005), uma de suas maiores obras. Lya Luft relata em entrevista para o projeto

Sempre Um Papo² que escrever poemas sempre foi sua grande alegria e que nunca deixaria de fazê-la e disse, ainda, que alguns deles eram inspirados/escritos por personagens de seus romances.

Lya também lançou três obras infantis, histórias que ela mesma contava para sua neta se oficializaram em *Histórias de bruxa boa* (2004), depois surgiram *A volta da bruxa boa* (2007) e *Criança pensa* (2009). Inspirada em memórias de sua própria infância publicou o livro *Mar de dentro* (2000), sensível a sentimentos extremos, Lya diz que as cogitações sobre a vida, contemplações e observações do mundo e de si mesmo e situações em família são inspirações que movem algo que já existe dentro dela e, assim, dá vida a seus escritos.

Mais recentes que as publicações dos outros gêneros, os ensaios se resumem em sete: *O rio do meio* (1996), *Perdas & ganhos* (2003), *Pensar é transgredir* (2004), *Em outras palavras* (2006), *Múltipla escolha* (2010), *O tempo é um rio que corre* (2013) e, seu último lançamento, *Paisagem brasileira* (2015).

Lya também publicou *A riqueza do mundo* (2011), um livro de crônicas. Os livros de contos foram *Matéria do cotidiano* (1978), *Histórias do tempo* (2000) e, finalmente, *O silêncio dos amantes* (2008) os escritos concluídos em cerca de um semestre que, na verdade, se tornariam um romance acabaram se fragmentando em contos que, interligados pela incomunicabilidade, revelam o outro lado do sentido de silêncio.

Lya Luft trazia em suas obras possibilidades de realidades camufladas da vida de qualquer pessoa, conflitos que são gerados no dia a dia, assuntos inacabados, palavras ditas e não ditas que, de alguma forma, causaram transtornos. Expondo inquietações nas suas

2 Um projeto criado em 1986 pelo jornalista Afonso Borges que busca incentivar o hábito da leitura promovendo palestras e exposições com autores renomados em eventos e através da internet, pelas redes sociais e pelo canal no YouTube.

produções, Lya diz que quer ser lembrada como uma escritora que criava uma literatura de denúncia do “existir”, do “ser”, dos valores que destroem a alma.

3 LITERATURA E PSICANÁLISE

A psicanálise em sua amplitude de propriedades terapêuticas, está diretamente ligada à literatura por meio da *crítica psicanalítica*, não com uma função realizadora do objeto (compreender texto) mas, sim, como um método de apoio para a leitura interpretativa à luz da fenomenologia. Assim, visa-se uma orientação que procure esquivar-se da probabilidade óbvia e estabeleça uma relação conflituosa com o inacessível.

Sobre o papel da crítica psicanalítica na literatura, Adalberto de Oliveira (2005, p., 205) diz que “procura-se captar um sentido irreduzível às intenções reveladas pelo autor, para se chegar a uma essência única de compreensão da obra literária.”. Logo, se propõe uma leitura mais trabalhada de certos tipos de texto que remetem a frutos do inconsciente, tais textos se distanciam da realidade cotidiana que, geralmente, é retratada na literatura, para nos levar à uma viagem pelo imaginário fantástico.

Nota-se, portanto, que há vários fatores pelos quais a psicanálise associou-se à literatura e esta, por sua vez, apropriou-se das descobertas realizadas pelos psicanalistas. Sobretudo porque a psicanálise, cumpre-se repetir, é uma experiência que se constrói unicamente pela linguagem, sendo esta sua base metodológica. (SOUZA, 2005, p., 206)

A partir da leitura interpretativa, feita através da escrita ou da oralidade, a psicanálise consegue identificar e analisar, por meio dos seus instrumentos metodológicos, os acontecimentos ali relatados que foram extraídos do inconsciente e acompanhá-los da melhor forma até que se chegue a um resultado específico como num desfecho literário, mas que exprima, para quem interpreta, a compreensão, de forma geral, do fenômeno estudado. Não se trata, apenas, de entender a história que está sendo contada, trata-se de aprofundar-se no problema da interpretação e invadir os pensamentos do autor através da leitura e da crítica psicanalítica.

As concepções sobre psicanálise ganharam novos sentidos sob a visão de Gaston Bachelard, sua linha de pesquisa descobriu novos caminhos que também nos levam ao inconsciente. Através do que Freud concretizou, Bachelard construiu seu próprio viés acreditando na *imaginação da matéria*, buscando interpretar, não o vazio desorganizado dos sonhos e, sim, os devaneios, as imagens escolhidas pelo intelecto do inconsciente por meio dos desejos da alma.

3.1 O devaneio da alma

Cada ser humano possui um instinto diferente e, bem como, cada indivíduo procura entender a si e, assim, tem mais dificuldade de entender o outro por não poder enxergá-lo com o seu interior. Os olhos podem ver aquilo que está na superfície mas, uma vez que interligados à alma, eles podem ir muito além e refletir algo que não está ao nosso alcance, algo que está oculto, ou, mesmo, algo que está adormecido.

A capacidade e a sensibilidade deste indivíduo de poder acessar o mapa do seu interior trata-se de um desejo pelo qual se quer saber mais e mais e, também, de conhecer o que não é apresentado no seu exterior, assim ele ultrapassa os limites que lhes foram impostos pela superfície, seja ela do corpo ou da consciência. Tais reflexos, como imagens que são construídas em nossa mente decorrentes da relação entre o olhar e a alma são reconhecidos como *devaneio*³, por ora, um fenômeno cotidiano da vida de qualquer pessoa, por acaso, um agente de poder capaz de mostrar mais do que se suporta ver.

[...] devaneios que formam um vinco entre as sobrancelhas. Já não se trata então de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos surpreendentes, mas sim de uma curiosidade agressiva, etimologicamente inspetora. É esta a curiosidade da criança que destrói seu brinquedo para ver o que há dentro. [...] esquecendo que as forças psíquicas em ação pretendem deixar os aspectos exteriores para ver *outra coisa*, ver além, ver por dentro, em suma, escapar à passividade da visão. (BACHELARD, 2009, p., 7-8)

Da materialidade se estima a sua profundidade, pois ela dá lugar a um fator imprescindível, *o íntimo*, através de um processo de auto entendimento nos deparamos com o nosso interior obscuro e o que nós vemos/conhecemos são vestígios da nossa imaginação, imagens que nos são refletidas de acordo com as concepções que nós temos do que nos é ausente, do que nos é privado pela consciência e, essas, são consequências das imagens obtidas pelo superficial.

Para além do panorama oferecido à visão tranquila, a vontade de olhar alia-se a uma imaginação inventiva que prevê uma perspectiva do oculto, uma perspectiva das trevas interiores da matéria. É essa vontade de ver no interior de todas as coisas que confere tantos valores às imagens materiais da substância. [...] essas imagens tão numerosas, tão variáveis, em geral tão confusas, classificam-se com bastante facilidade em diversos tipos de *perspectivas do oculto*. (BACHELARD, 2009, p., 8)

Os devaneios se dão como uma viagem, as perspectivas do oculto nos remetem a uma realidade passageira e, ao mesmo tempo, intensa que nos provocam grandes

³ Estudados sob a ótica da fenomenologia como reações psíquicas *tensas* que são despertadas de dentro para fora.

transformações, principalmente em nossas emoções, pois como afirma Bachelard (2009, p., 15) “Assim a imaginação minuciosa quer insinuar-se em toda parte, convida-nos não só a *voltarmos à nossa concha*, mas a nos insinuarmos em toda casca para nela viver o verdadeiro retiro, a vida enrolada, a vida ensimesmada, todos os valores do repouso.”. Uma questão voltada para distinguir o externo do interno e seus respectivos falares que se contradizem.

Estamos falando de uma perspectiva dialética da fenomenologia, que se concretiza, por exemplo, quando a imagem física de um indivíduo se opõe a do seu interior, podemos nos analisar visualmente de forma minúscula e desprezível, porém, em uma análise profunda das dimensões do nosso ser, podemos nos perder em uma vasta imensidão. Esses são os devaneios que nos transportam para o interior das coisas e podem acontecer por diversos ângulos, em situações distintas mas sempre por paradoxos refletindo os conflitos que tendem a existir entre as concepções do imaginário e do visual.

4 NASCEU DO MEU VENTRE

O fruto do meu ventre, o nono conto situado na seleção “O Silêncio dos Amantes” (2008), encontra-se em meio a outros dezenove contos que também retratam histórias frustrantes e complexas. Escolhemos este, em específico, para trabalharmos a temática psicológica do devaneio, enfatizada na construção do enredo através da protagonista de forma estritamente perturbadora.

Para entendermos o devaneio *tenso* que, segundo Bachelard (2009, p., 7), é a “vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o que não se *deve* ver, [...] devaneios que formam um vinco entre as sobancelhas.”, vivido pela personagem é necessário que levemos em conta suas reflexões de quando ainda era criança, as lembranças que foram relatadas pela protagonista nas primeiras linhas do conto, declaram seus jovens conflitos internos na medida em que descrevem a tranquilidade de sua vida exterior. Embora a sua aparência, seu comportamento e sua posição social na família e na escola incomodem algumas pessoas, a realidade de seu cotidiano demonstra segurança e dedicação em seus atos e em suas emoções.

Minha vida não foi nem fácil nem difícil. Fui a feiosa das irmãs, a burra da sala de aula, a atrapalhada, a que nunca teve corpo de mulher [...] e até um pouco de buço para a tristeza de minha mãe “as outras filhas tão lindas, e essa aí nem se parece com elas...”, dizia mesmo na minha frente. Mas não fui infeliz. [...] Acho que nasci para ajudar os outros, e nisso caprichei. Sempre fui útil e atenciosa. (LUFT, 2008, p., 77)

Há uma divergência de ações e emoções, o sentimento de insatisfação é anulado/interiorizado e o de superestimação dos atos é superficializado. Levantamos o problema como um paradoxo: o que deveria incomodá-la externamente (defeitos físicos e comportamentais) é contraído para dentro de si e o que deveria apropriá-la profundamente (bondade e espírito altruísta) é posicionado completamente fora de si, ela se torna, em corpo, o que busca ser em alma e não consegue, porque se alimenta desses próprios receios e traumas.

No decorrer de sua vida, se pôs a reprimir sensações, silenciar incômodos, ocultar seus poucos desejos e, mesmo assim, se dizia feliz e realizada. Sozinha, apenas, dedicava-se a ajudar outras pessoas e nunca se interessou por alguém, assim dizia: “Ninguém quis me namorar e eu não teria jeito. Ninguém ia entrar em mim, mexer em mim. Parir, Deus me livre.” (LUFT, 2008, p., 78). Esse comportamento repressivo, entre outros que a personagem reproduz, nos mostram a concentração inicial das imagens que, mais tarde, serão elementos de seu conflito interno.

Trata-se de desdramatizar o conteúdo angustiante de uma expressão simbólica invertendo seu significado: o abismo não é mais o buraco sem fundo onde se perde a vida, mas o receptáculo (aquilo que contém), a taça. A linguagem do eufemismo é obrigatoriamente ambígua, já que ela procede por inversões. (PITTA, 2005, p., 30)

O reflexo de interiorizar as tensões sofridas no mundo externo se torna um meio de aliviar a carga que as acompanha e, dessa forma, o inconsciente usa, como abrigo para as suas frustrações, um lugar onde não há acessibilidade, mas, há conforto e tranquilidade para que, só então, consiga fazer com que esses incômodos a deixem em paz. A simbologia do imaginário é a responsável por este fenômeno.

Pelas noções definidas por Gilbert Durand (1991), Rocha Pitta (2005, p., 15) reforça a ideia do imaginário “pode ser considerado como essência de espírito, à medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções ...) [...]” Com isso, notamos que o imaginário é a alma da mente, expressa o que, de fato, existe e busca soluções para se manter sã ou, neste caso, para voltar a ser.

O inconsciente busca uma maneira de sintetizar as consequências existenciais de forma automática, fazendo com que haja uma espécie de reciclagem daquilo que não é adepto ao instinto sensível do indivíduo em questão, porém esse processo é complexo e pode ser interpretado de diversas formas, cada ser humano possui suas peculiaridades e nenhum deles é responsável por não conseguir compreender a si mesmo, visto que carregamos uma subjetividade inata.

Na personagem analisada, podemos pôr em questão que o espaço pelo qual sua intimidade passa é o seu ventre, tudo o que, de fato, possa incomodá-la, se torna um objeto de degustação do imaginário. Todos os receios, traumas e problemas que a cercam tendem a “morrer” após serem engolidos, não para desaparecerem, mas, para que sejam transformados e renasçam. Ingeri-los seria um mecanismo de defesa da mente, uma vez que, saber lidar com os problemas significa solucioná-los e a personagem, em consciência, não é capaz.

A estrutura mística do imaginário, diante da angústia existencial e da morte, vai, pois, negar suas existências e vai criar um mundo em harmonia baseado no aconchego e na intimidade (de si e das coisas). Trajeto interior mais lento na descida do que o do herói na subida. (PITTA, 2005, p., 33)

O inconsciente procura, então, esse espaço para preparar a libertação das emoções escuras existentes no próprio ser, segundo Bachelard (2003, p., 110) “Nos devaneios populares, o *ventre* aparece como uma cavidade acolhedora. Dormir de boca aberta é oferecer um refúgio a todos os animais errantes”. Dessa maneira, a personagem acolherá, em seu ventre, as trevas que a cercam até que possa, enfim, livrar-se delas contemplando-as de maneira árdua e lenta.

Agora, tenho tido esses pesadelos e nem sempre consigo fazer com que acabem com o truque que meu pai me ensinou. Às vezes funcionava, e me vinguei dos fantasmas, como na minha infância, saltando em pé sobre a cama, armando as caretas mais horríveis de que era capaz, xingando e ameaçando. [...] Mas hoje, nesta noite solitária em minha solitária casa, onde teimei em ficar depois que todos foram embora ou morreram, vivo o pesadelo maior. Ou será realidade? (LUFT, 2008, p., 78-79)

Este processo é retratado, no conto, como uma gravidez, um fato que vinha sendo temido pela personagem desde sua infância, acaba sendo fruto do compilado de medos os quais ela mesma se negava a enfrentar, e afirma: “Mas de repente uma coisa começou a se mexer dentro de mim, e tive certeza: eu estava grávida. De quem, quando, como? Nunca homem algum me tocou, entrou em mim, nada poderia ter causado aquilo.” (LUFT, 2008, p., 79). A personagem engravidou de seus próprios conflitos, logo, daria à luz, as trevas.

O ventre contém assim todas as vozes da consciência pesada. [...] Todas essas imagens podem parecer remotas e divergentes. Mas se as tomamos em sua origem, não podemos deixar de reconhecer que todas elas são imagens de um ser habitado por um outro ser. Tais imagens devem portanto ser inseridas em uma fenomenologia das cavidades. (BACHELARD, 2003, p., 113)

Acreditamos que o fenômeno do devaneio vivido pela protagonista do referido conto trata-se, então, do *Complexo de Jonas*, teoria de Gaston Bachelard voltada para a psicologia digestiva, quando há a necessidade de engolir determinada coisa no intuito de apurá-la ou, neste caso, de compreendê-la, solucioná-la. Nas sagradas escrituras, é dito que Jonas é jogado da embarcação em meio a uma tempestade em alto mar por desobedecer o Senhor Deus.

“Que te havemos de fazer para que o mar se acalme em torno de nós?” Porque o mar toma-se cada vez mais ameaçador. “Tomai-me, disse Jonas, e lançai-me às águas, e o mar se acalmará. Reconheço que sou eu a causa desta terrível tempestade que vos sobreveio.” [...] E, pegando Jonas, lançaram-no às ondas, e a fúria do mar se acalmou. [...] O Senhor fez que ali se encontrasse um grande peixe para engolir Jonas, e este esteve três dias e três noites no ventre do peixe. (LIVRO DE JONAS, 1, 2)

Jonas se encontra sujeito à morte dentro do ventre da baleia⁴ e, diante disso, reflete sobre sua desobediência, arrepende-se e, depois de fazer uma prece, Deus o ouve: “Então o Senhor ordenou ao peixe, e este vomitou Jonas na praia.” Enquanto Jonas é engolido pela baleia para que a tempestade no mar se acalme, no mundo psicológico-literário a personagem criada por Luft engole suas frustrações, por meio do imaginário, na tentativa de livrar-se delas.

Esta teoria vem esclarecer o processo de transformação realizado pela imaginação que, inerente ao ser, amplia a densidade dessas emoções causando um período de fortes crises de compreensão. Podemos entender no trecho: “Mas esta noite sinto que está vindo isso que se instalou em mim sem eu saber: a minha hora chegou.” (LUFT, 2008, p., 79). Se o inconsciente anulou e alojou estes traumas em intimidade de repouso, ele também será responsável por expeli-los depois de tratados, proporcionando à personagem auto entendimento e aceitação.

A cada reflexão tinha-se a certeza de que se tratava de um “milagre ruim”, nada mais seria do que a própria realidade buscando ser reconhecida, era o seu verdadeiro “eu” dentro de si confrontando a armadura pouco resistente que a encobria. Portanto, a personagem passou momentos conturbados até que conseguisse entender o que estava acontecendo e, por fim, submeter-se ao “parto” o qual descreve com repúdio para enfatizar o fato de que ela não aceitava que tal coisa pudesse estar acontecendo consigo.

Aos poucos ele vem. Eu me contraio toda, faço força como sei que se deve fazer nessa hora, e berro, e choro e me desespero, meus dentes batem e rangem de pura agonia. Quero fechar as pernas e voltar no tempo, e apagar esse horror, mas não consigo. Esse horror é concreto [...]. Só quando o medonho parto tiver terminado, vou poder matar a criatura, espantar o mal que me ataca, e acordar, e estar para sempre livre de volta à minha vida. (LUFT, 2008, p., 80)

Como alguém incapaz de aceitar-se, sem condições emocionais para dar atenção aos seus problemas, a personagem descarta a ideia de merecer tamanho sofrer, o que implica no momento em que procura entender o que está acontecendo com sua simples vida. Mas, compreendemos que o complexo vem como resultado da própria incapacidade psíquica de suportar a dificuldade, logo, o processo árduo representará a lição experimental a qual ela não sentiu quando foi sujeita e, agora, sente o desconforto dos efeitos colaterais da imaginação.

⁴ designar o termo de “baleia” referente à mitologia

Cremos que a imagem de Jonas no ventre da baleia poderia servir de questionário nas dispepsias de ordem psíquica. Por sua clareza, por sua simplicidade, por seu cunho falsamente pueril, essa imagem é um meio de análise – sem dúvida muito elementar, mas assim mesmo útil – para essa imensa região, tão pouco explorada, da psicologia digestiva. (BACHELARD, 2003, p., 109)

Essa, foi a maneira encontrada pela imaginação de consertar o inconsciente, o espaço de tempo usado para a recuperação do psicológico em função do processo de solução para tal complexo, acarretando tensões, questionamentos e, como devaneio, os sintomas que antecedem um parto, pois, contudo, ela não escaparia das consequências, que são condições existenciais as quais todo ser humano deve contribuir.

Como mencionamos um pouco acima, o período que Jonas esteve no ventre da baleia serviu como um momento de reflexão e renovação, para que seu viver se transformasse e ele passasse a seguir o caminho da luz, ordenado pelo Senhor. Desta mesma forma, o imaginário controla as transformações no interior da personagem até que estejam prontas para serem colocadas para fora.

A personalidade existente nela é uma barreira para a sua libertação, embora passe por todo esse pesar consciente de que são consequências de suas incapacidades emocionais, ela não se entrega às transformações e resiste em sua armadura. “Finalmente, num último esforço, ele sai, o filho das trevas e do inferno.” (LUFT, 2008, p., 80). A personagem se deteve a levar em conta apenas a negatividade de seu devaneio, mas não se propôs a examinar a si mesma.

Fator de *equilíbrio psicossocial*: permite ao indivíduo estabelecer a síntese entre suas pulsões individuais e aquelas do meio em que vive [...]. Em certos casos de doença mental, o que está em jogo é o equilíbrio entre os regimes do imaginário, visto que toda intensificação de um regime leva ao desequilíbrio e à patologia, seja para o indivíduo, seja para a sociedade. (PITTA, 2005, p., 37)

O estado consciente da personagem se sobressai confrontando as providências tomadas pelo imaginário, ou seja, enquanto um mecanismo trabalha para a harmonia do ser interiormente (a alma), o outro trabalha para a estatura montada externamente (o corpo) que visa o orgulho de viver conforme à sociedade e, a partir disso, acontece o desequilíbrio da mente que contribuirá para um fim pouco satisfatório deste processo para a personagem.

Eis o fruto do meu ventre. Criatura noturna, do fundo de um poço de águas podres, ele me olha. O que quer de mim? Agora é hora do grande grito, de agarrar com as duas mãos essa coisa nojenta e rasgar ao meio e jogar os pedaços longe, e acordar, e voltar à minha vida de mulher simples, casta, discreta, que atende sua família, cuida de sua casa, cumpre seus deveres, e nunca, nunca, nunca se maculou. Quem sempre fez tudo direito, como eu, não merece desgraça nem horror. (LUFT, 2008, p., 81)

Para que a personagem pudesse se auto compreender, ela deveria abrir mão daquilo que atinge sua imaginação, a “razão do que parece ser certo”, pois, ainda em sua concepção, paira a ideia de que sua vida sempre foi correta e que tudo isso é em vão. Bachelard (2003, p.,

117) traz a chave para esse problema quando diz que “A saída do ventre é automaticamente um regresso à vida consciente e mesmo a uma vida que *quer* uma nova consciência.” Assim, observamos que este devaneio não deveria ser tomado por repúdio, e sim, como o nascimento de uma nova consciência.

Como consequência disso, os últimos relatos da protagonista se voltam para sua conclusão de tudo: “Então compreendo: o filho do meu pesadelo quer me devorar.” (LUFT, 2008, p., 81) ainda lutando contra os problemas e acreditando na vida supérflua pela qual era enganada, ela destrói a possibilidade de renovação na medida em que, mesmo passando por tais tratamentos, se recusa a acreditar na própria verdade e confia em sua ilusão.

Um cordeiro come um camundongo: “uma vez lá dentro, o camundongo se insinua pela tripas do cordeiro até a ponta de seu rabo”. Como o cordeiro sofre sob os dentes do camundongo, pede para uma serpente curá-lo. A serpente come o rabo do cordeiro. O cordeiro quer então “comer a serpente para vingar o rabo”, e por aí segue a história, realmente sem fim, do comedor que é comido, tanto assim que a história termina em uma evidente “nadificação” digestiva. (BACHELARD, 2003, p., 103)

Bachelard (2003), exemplifica a forma cíclica existencial usada para a troca de valores, após a personagem engolir tudo aquilo que lhe fazia mal e tomar isso como algo que não lhe traria vantagens, automaticamente, o nascimento desse repouso se voltou contra suas expectativas e, naquele momento, ela saberia, que não poderia mais ser verdadeiramente livre, pois estava prestes a ser engolida pelo filho do seu pesadelo, sujeita a ser presa por toda a vida e a passar por esse processo outras vezes.

Por fim, nas últimas linhas do conto, nos deparamos com a confirmação da ordem cíclica que a personagem nos deixa: “Pois, como me ensinaram desde pequena, se a gente faz tudo certo e cumpre as tarefas todas, nada de verdadeiramente mau pode nos acontecer. O bem sempre vence, o céu é mais poderoso do que os infernos.” (LUFT, 2008, p., 82). A permanência do mesmo pensamento, que não foi restaurado, a resistência que ela exprime em não compreender seu devaneio nem a competência de sua imaginação por estar obcecada pela razão de viver conforme as leis que a formaram e as influências fúteis que agem desconhecendo seu interior.

Compreendemos que o processo vivido pela mulher ficcional criada por Luft converge com a teoria de Gaston Bachelard (2005) sobre o Complexo de Jonas, porém, em circunstâncias associadas ao progresso psíquico da personagem analisada, concluímos que a mesma não vence o seu complexo, como Jonas venceu, mas sim, se perde nele e ressalta, dessa vez em maior escala, a sua fraqueza diante de seus conflitos.

Concluimos, ainda, que não existe um final concreto onde a personagem tem um destino traçado, seu desfecho é inacabado e dá ao leitor a possibilidade de imaginar os mais diversos finais. Pois, este conto é de estrutura de enredo aberta, uma vez que, a autora, comunga das práticas narratológicas dos textos de Virgínia Woolf e James Joyce, por exemplo, com o uso do fenômeno dos devaneios.

5 CONCLUSÃO

Nessa pesquisa, desenvolvemos a análise do enredo de vida narrado pela personagem principal no conto *O Fruto do meu ventre* da escritora e tradutora brasileira Lya Luft. Tivemos, como abordagem principal, o estudo do devaneio psicológico vivido pela protagonista, pelo viés da fenomenologia e do símbolo imaginário. Deste modo, o trabalho intitulado “*Pelo meu ventre: a fenomenologia da matéria imagética acontece*” buscou compartilhar um estudo que visa o aprofundamento literário-psicológico para a compreensão conteudística e imaginária dos personagens.

A essência e a importância desse estudo estão contidas na temática que escolhemos, a oportunidade de descobrir mais a respeito do psicológico e do imaginário através da literatura e o exercício da leitura interpretativa que pretende instigar a sabedoria e a capacidade do leitor que ultrapassa os limites das páginas do livro e consegue entregar-se ao enredo, este, que tem o poder de transformar vidas.

Concluimos que as técnicas narrativas são marcadas pela subjetividade, as palavras simples que constroem uma história grosseira e carregada de significados são os traços da escritora, levando em conta o fato de que *O silêncio dos Amantes* (2008) partiu de um romance que acabou se fragmentando em vários contos, o foco narrativo ganhou mais vida e, conseqüentemente, colaborou com a necessidade de uma leitura mais minuciosa.

Constatamos, ainda, que no texto de Luft, há um diferencial narrativo, embora seus textos sejam conhecidos dentro de uma literatura que relata sobre frustrações humanas, a referida escritora escolhe desfechos inesperados, que fogem de qualquer expectativa ou fins clichês que não surpreendem o leitor e, nesse caso, despertam a indignação/curiosidade além do fato de que os personagens podem ser inseridos no mundo real pela aproximação com que foram construídos.

Sabemos que, atualmente, mesmo com a liberdade de expressão, o apoio e o empoderamento dado à mulher, ainda existem casos de repressão e silenciamento, visto isso, podemos, também, considerar o fato da personagem se sentir pressionada quanto às suas

ações como figura feminina, o dever de casar e ser mãe, de cumprir o que lhe foi designado desde sua infância sobre as tarefas de casa e, acima de tudo, o tabu de se manter casta, honrar sua índole e permanecer com seu valor, segundo o que a sociedade impõe.

A personagem dá, assim, prioridade a essa concepção social e se põe em divergência com seu próprio instinto, ocasionando todos esses transtornos que, aqui nesta pesquisa, foram abordados. Luft procura, em suas obras, realizar essa ligação entre a literatura e as tragédias do mundo real, escolhe não só a imagem do feminino mas, também, da criança, do deficiente, do homem, de casais, entre outros, que, por algum motivo, estejam passando por problemas de alma.

No conto escolhido como *corpus* para manuseio desse trabalho, nos chama a atenção a liberdade da escrita, as descrições, os sentimentos repassados e a seriedade do enredo, Lya Luft demonstra a preocupação e a necessidade de escrever para provocar esse tipo de reflexão mais profunda no leitor e, através da crítica psicanalítica, é possível observar com clareza a importância das práticas de leitura interpretativa.

Dentre tantas outras obras e linhas de pensamentos que poderíamos seguir, optamos por esse conto, onde teríamos a oportunidade de pesquisar uma temática que está inserida na psicanálise uma vez que, para compreender o proceder da mente e o comportamento humano, busca-se uma teoria mais concentrada/reflexiva e, para a análise mais específica do problema, pudemos trabalhar com a fenomenologia e a simbologia do imaginário, pois, o devaneio foi o nosso principal objeto de estudo.

A literatura que acabamos de expor possui um valor muito significativo e relevante para a sociedade brasileira, os textos carregam mensagens de alerta e proporcionam o despertar para um mundo subliminar em que muitas pessoas devem estar presas. Não devemos fechar os olhos para os conflitos psicológicos daqueles que estão em nossa volta, muito menos colaborar com o seu agravamento. Devaneios são fenômenos que vêm nos denunciar algo, de alguma forma, resta sabermos interpretá-los.

Portanto, buscamos ressaltar que por meio da obra de Lya Luft, uma literatura que compreende o estado primordial do ser humano e traz, ao conhecimento do público, a realidade conflituosa por trás de uma vida superficial baseada nas convenções sociais, dando, ao leitor, a possibilidade de estudar a psicologia literária proporcionando o nascimento de um novo olhar crítico e motivacional para ultrapassar as comodidades de uma leitura simples. Luft escreve seus textos visando provocar incômodos, evocar repulsa e, principalmente, denunciar tais acontecimentos, quem lê suas obras entende que esses traços fazem de Luft uma escritora que jamais será esquecida.

RESUMEN

El psicoanálisis está inserta en diversas áreas y en los más variados tipos estudios académicos por ser la ciencia que busca comprender el funcionamiento de la mente humana. Cuando hablamos en literatura, esa ciencia se vuelve imprescindible para la riqueza de las prácticas de interpretación por medio de la lectura y, así, la inserción del psicoanálisis viene auxiliar en el entendimiento del mensaje implícita propuesta por los autores en los libros literarios. En este trabajo de conclusión de curso, comprender los efectos del devaneo por los vívidos de la teoría de la fenomenología presentada por Gaston Bachelard (2003, 2005) en el cuento El fruto de mi vientre, de la escritora brasileña Lya Luft. Para ello, nuestra fundamentación teórica se basa en Pitta (2005), Bachelard (2003, 2005). El análisis nos mostró que el personaje da así prioridad a esa concepción social y se pone en divergencia con su propio instinto, ocasionando todos esos trastornos que, aquí en esta investigación, fueron abordados. Luft busca, en sus obras, realizar esa conexión entre la literatura y las tragedias del mundo real, escoge no sólo la imagen de lo femenino, sino también del niño, del discapacitado, del hombre, de las parejas, entre otros, que, por algún tiempo por lo que están pasando por problemas de alma.

Palabras clave: Fenomenología. Alma. Devaneo.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *Os devaneios da intimidade material*. In: **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p., 7 – 44.
- _____. *O complexo de Jonas*. In: **A Terra e os Devaneios do Repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p., 101 – 139.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Emílio Sales. **A Personagem de Ficção**, 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.
- EBIOGRAFIA. *Biografia de Lya Luft*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lya_luft/. Acesso em: 03 Set. 2017
- GRUPO EDITORIAL RECORD. *Lya Luft*. Disponível em: http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=171. Acesso em: 03 Set. 2017
- LUFT, Lya. *O fruto do meu ventre*. In: **O Silêncio dos Amantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008, p., 77 – 82.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro, Yendis/Atlântica Editora, 2005.
- SOUZA, Adalberto de Oliveira. *Crítica psicanalítica*. In: **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Marujá: Eduim, 2005, p., 205 – 216.
- YOUTUBE. *Programa Sempre Um Papo com Lya Luft 2005-2008*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/info8888/featured>. Acesso em: 04 Set. 2017